

## O incerto viajar<sup>1</sup>

No fabulário terrestre, Kati seria a Branca de Neve ou a Bela Adormecida. O corpo esguio, de formas desabrochantes, hesitava entre a infância e a mornura da adolescência, já prometida nos membros longos e na macieza lenta das curvas. O casulo de subsistência — uma caixa retangular que constantemente lhe fornecia oxigénio e a mantinha a uma temperatura de vinte graus negativos — era a versão astronáutica do esquite de cristal. Porém, Kati não aguardava o ósculo enamorado de um príncipe encantador, nem a conseqüente ressurreição para um universo de fadas, fidelidade conjugal e muitos, muitos filhos. De acordo com o calendário orbital terrestre, Kati vivia no século XXV, uma era assinalada pelo estabelecimento das primeiras colónias nos planetas exteriores do sistema solar de Sírío.

Viajava a uma velocidade luminosa, no compartimento de passageiros do cargueiro cósmico Fernão de Magalhães, um veículo de transporte da classe alfa. De acordo com os planos de voo, a menina deveria despertar automaticamente, logo que a nave entrasse na órbita de Apolo, o planeta de destino. Ela e quinze adultos preparar-se-iam, então, para as manobras de atracagem no espaço-porto de Delfos, a metrópole onde os seus familiares os aguardavam.

Os pais de Kati eram mineiros, emigrados do continente conhecido por Euroásia, mais especificamente da Ibéria. Normalmente, o pai e a mãe não teriam posses económicas para sustentarem a longa travessia da Terra para Apolo. Na verdade, a jovem Kati conseguira uma bolsa do Governo Federal. Explicara tudo aos pais, numa chamada videofónica:

— Fiquei em primeiro lugar no concurso de piano de cauda! O presidente do júri disse-me que tinha direito a uma viagem gratuita a qualquer ponto do universo explorado, ida e volta, com estadia paga. Decidi visitar-vos.

Devido à diferença de velocidade entre o som e a luz, o primeiro chegava sempre mais tarde. Assim, no écran do videofone, os movimentos dos lábios não se mostravam sincronizados com a fala produzida. Um pouco como num filme mal dobrado, explicara a telefonista.

Do outro lado, o pai e a mãe sorriram. Ótimo. Kati seria bem-vinda. Quando os escutou pronunciar a palavra “adeus”, a imagem tinha já desaparecido do televisor, dando lugar a uma série de interferências de minúsculos pontos luminosos.

Quase um mês transcorrera, desde a partida. Dentro do seu casulo de subsistência, Kati gemeu um pouco. Tinha os músculos empedernidos pela imobilidade de um mês de voo. A boca sabia-lhe a papel de jornal. Era-lhe difícil abrir os olhos, apesar da luz ser de um azul baço e

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “O Incerto Viajar”. *Antologia de contos*. Org. Cândido da Velha et al. Lisboa: Sol XXI, 1997. 75-81. ISBN: 972-8183-49-6

tranquilo, que mudava para anil de doze em doze horas, na tentativa de imitar o ciclo diurno e noturno da Terra. Só daí a alguns instantes se apercebeu de onde estava. Do lado exterior do seu casulo, alguém limpava o granizo que a baixa temperatura de hibernação depositara no vidro.

“Cheguei ao planeta Apolo. É altura de despertar” — ajuizou Kati.

Premiu um botão, à sua direita. A tampa do cubículo ergueu-se, com um zunido. Kati abriu os olhos. À sua espera não estava nenhuma hospedeira, como julgara. Em vez dela, deparou-se-lhe um jovem de doze ou treze anos, de olhar coruscante e uma expressão trocista.

— Estava a ver que nunca mais acordavas!

— Quem és tu? — indagou Kati, com estranheza.

— Alex. E tu chamas-te Kati, certo?

— Como sabes?

Alex apontou a chapa de platina, pendurada ao pescoço dela. Kati devolveu-lhe o sorriso e espreguiçou-se felinamente, fazendo estalar as articulações dos dedos - um hábito que as suas colegas pianistas achavam de sobremaneira irritante. Bocejou. Alex estendeu-lhe a mão e ajudou-a a levantar-se. Quando Kati saiu do casulo, sacudiu o granizo e viu-se ao espelho. Deu-se conta de que crescera, devido à pouca força da gravidade. Observou com agrado a silhueta, mais pronunciada e firme.

— Espelho meu, espelho meu... — ironizou Alex.

Kati apercebeu-se de que a túnica que envergara durante o período de hibernação era translúcida e pouco pudica. Cruzou os braços, cobrindo-se desajeitadamente. Alex notou o gesto e soltou uma risadinha irritante.

— Mas afinal, aonde estão os tripulantes da nave? E os outros passageiros?

— A dormir, claro! — disse Alex.

— Não acredito — esboçou um gesto enfasiado. — Acordaste-me antes da chegada!

Porque fizeste isso? Não sabes que é contra o regulamento...?

Alex encolheu os ombros:

— Se formos a ver, tudo é proibido na nave do meu pai.

Kati arregalou os olhos:

— O teu pai é o almirante?

— Mmm. Despertei-te porque a paisagem que se vê antes de chegarmos ao planeta Apolo é espetacular. E além disso - admitiu - sentia-me um pouco só. Nunca consigo hibernar corretamente, nestas viagens de um mês - puxou-lhe pela manga da túnica. - Vem daí comigo!

Percorreram os longos corredores pé-ante-pé. Junto às paredes, alinhavam-se outros casulos de subsistência, ocupados por corpos de passageiros dormentes. Depois, subiram até

uma torre de vigia, uma saliência de cristal, na proa da nave. Alex desligou as luzes. Um enxame de estrelas e asteroides cor de fósforo tornou-se nítido aos seus olhos.

— Eu não te disse? — murmurou, desafiador. — É ou não é surpreendente?

Kati acenou, os olhos deslumbrados pela súbita vastidão do universo.

— Aquele é Gemini — apontou —, a estação de combustível. Foi construída em Delfos, para abastecer os cruzadores espaciais que não fazem escala no planeta Apolo. Depois, montaram o edifício sobre o asteroide.

Kati viu a luzinha verde piscar várias vezes, antes de se sumir na negrura.

— E aquilo? — perguntou.

— Ah, trata-se de Vulcano IV, uma lua com vulcões ativos, alguns mais velhos do que a própria terra. Estabelecemos lá uma estação geológica. Sabes o que é?

— Sim — murmurou. — Os meus pais são mineiros em Delfos.

— Vens, então, visitá-los?

— Claro. Já não os vejo há quase três anos. A não ser pelas chamadas de videofone.

— Tens saudades?

Ela descaiu o rosto, tristemente, os olhos brilhantes. Afastou, pela terceira vez, uma madeixa displicente.

— Ei, repara!

Alex apontou para uma silhueta que cruzava o espaço, quase numa trajetória paralela à da nave Fernão de Magalhães.

— Que é, Alex?

— Um veleiro cósmico, da classe beta. Já ouviste falar? São tremendamente velozes!

— Barcos? Nos céus? — Kati espantou-se ao ver as velas de prata desfraldadas e o casco afilado, semelhante ao de uma escuna.

— As velas estão revestidas a células solares. É daí que provém a energia que o move. Por isso mesmo, essas naves são obrigadas a contornar quase todos os sóis que encontram, para se poderem abastecer. Algumas são veículos pertencentes a piratas. O meu pai já combateu os corsários, ao largo de Sírio, quando era cadete.

E Alex explicou-lhe muitas outras maravilhas, bizarras e assombros do universo. Durante duas horas conversaram longa e agradavelmente. Kati achava-o magnético e simpático. Nada como os miúdos da sua turma, o rosto coberto de borbulhas e uma estranha obsessão por hormonas e pelo sexo oposto. Quando concluíram o bate-papo, Alex levou-a de volta, até ao casulo de subsistência.

— Adeus, Kati. Obrigado pela companhia.

— Gostei muito — piscou-lhe o olho.

— Bons sonhos!

— Para ti, também.

Ele encolheu os ombros:

— Oh, eu nunca durmo.

Ajudou-a a deitar-se. Kati encolheu-se, em posição fetal. Alex cerrou a tampa hermética e ajustou a temperatura para um sono rápido. Sobre o vidro frio, embaciado, desenhou com o dedo um coração, e dentro deste rabiscou as iniciais A + K. Depois, afastou-se, até se sumir na névoa azulina do corredor de repouso.

Kati não tardou a adormecer. Durante três dias, sonhou com veleiros, piratas e espaço-portos solitários, perdidos algures na cintura de asteroides do planeta. Só acordou quando uma hospedeira solícita, de feições ternas, abriu o casulo e lhe afagou o rosto.

— Kati... — chamou baixinho. — Chegámos. Bem-vinda à órbita de Apolo.

— Já?!

— Sim. Tiveste bons sonhos?

— A-ha! Na verdade, foram mais do que sonhos. Eu e o Alex andámos por aí a cirandar.

A paisagem dos asteroides é um espetáculo.

— Alex? — o semblante da hospedeira alterou-se. — Não há nenhum Alex entre os passageiros!

— Existe, pois! Um rapaz simpático, de doze ou treze anos, um pouco mais alto do que eu — mediu com um gesto a distância entre a sua cabeça e a dele. — Disse-me que era filho do almirante da nave.

A hospedeira puxou-a para fora do cubículo:

— Vem comigo, Kati.

Caminharam até um gabinete, na ré da Magalhães. Um letreiro indicava: “Almirante Gama”.

Bateram. Uma voz sumida autorizou a entrada.

— Almirante, desculpe interrompê-lo, agora que estão em curso as manobras de atracagem. Esta é a passageira Kati. Julgo que tem uma história interessante a contar-lhe — fez continência e saiu.

O almirante apontou uma cadeira. Era um homem robusto, o cabelo já com algumas cãs.

Kati contou-lhe, em palavras breves, como conhecera Alex, o seu filho. Gabou-lhe a simpatia e descreveu sucintamente os panoramas astrais que tinham juntos contemplado, da torre de vigia.

O almirante escutou-a, com ar sisudo, mas sem a interromper. No final, disse, áspero:

— Nada disso aconteceu, Kati. É apenas um sonho, uma fantasia tua. O meu filho chama-se Alex, de facto. Porém, não viaja connosco. Por favor, não repitas essa história a nenhum dos passageiros.

— Mas — replicou ela —, como pude eu sonhar com uma pessoa que existe e que nunca conheci? Alex era *real* — deu-se conta de que quase gritara, a voz elevada a um tom iradamente agudo.

— Foi tudo um sonho — soletrou o almirante Gama. — Agora, podes retirar-te.

Kati lançou-lhe um olhar de fúria, antes de desaparecer.

O almirante respirou fundo e deixou descair a cabeça. Girou na cadeira. Abriu uma gaveta da escrivaninha de vidro fosco e retirou um porta-retratos. A fotografia mostrava um adolescente de traços suaves e um sorriso inequívoco. Estava sentado, joelhos na relva, afagando as orelhas enormes de um cão Labrador. Era Alex, seu filho. O retrato tinha sido tirado antes do acidente que vitimara o jovem, há vários anos, durante as férias do Verão. A casa de campo aparecia desfocada, em segundo plano. Ao fundo, via-se um traço do lago de águas profundas e pardacentas. Fora aí que Alex, ao ligar o barco de recreio, morrera. A ignição falhara, o motor explodira. Mil vezes o almirante revivera a imagem na memória, em câmara lenta: o estrondo, a labareda, o grito; o estrondo, a labareda, o grito; o estrondo... Recordava-se de haver transportado Alex até ao hospital, de os médicos terem tentado esforçadamente salvar a vida do jovem, e por fim, do cirurgião, abanando a cabeça com desalento:

— Lamento. Não pudemos fazer nada.

Alex morrera há cinco anos. Desde aí, o seu espírito fora visto por muitos passageiros, em diversos pontos da nave. Gama recostou-se, cansado. Através da vigia, observou as estrelas. À medida que o cargueiro avançava, escoavam-se, silenciosas, deixando um rasto irisante. A Fernão de Magalhães atracou suavemente no espaço-porto de Delfos. O almirante anunciou ao microfone:

— Senhoras e senhores, fala-vos o almirante Gama. Acabámos de chegar à capital do planeta Apolo. A temperatura é de 25 graus centígrados; a atmosfera, rica em oxigénio. São neste momento dezassete horas, tempo local. Esperamos que a viagem vos tenha sido agradável. Em meu nome e da tripulação desejo-vos uma boa estadia.

Em breve, foram lançadas as mangas de trânsito e abertas as comportas para escoar a carga e os passageiros. O almirante guardou o retrato de Alex na escrivaninha. E só então, deu a si ordem para não recordar.